

O Pessoal da Velha Guarda

Programa No. 7

Transcrito por Alexandre Dias



Paulo Tapajós

26-11-1947

([Collector's](#) AER025 Lado A)

Almirante: A música é quase que sempre o retrato sonoro de um povo. Povos alegres possuem músicas alegres. Povos tristes possuem músicas tristes, é lógico. Outras condições da alma humana também lá se vão fixar nos ritmos e nas melodias, e é assim que vemos músicas que refletem indecisão, ou amargura, e tudo mais. A música árabe, por exemplo, com a sua forma característica vaga, seu monótono e impreciso, dá bem a idéia do fatalismo da raça que a criou. Bem, mas não quer isso dizer que só exclusivamente a música árabe possa trazer o estigma de um fatalismo marcante. Por vezes, um ou outro compositor de outra terra, forçado por um momento [-] de estado d'alma, imprimi também a uma ou a outra música sua o mesmo tom de indiferença pelas coisas que se nota na música árabe. E aqui temos disso um bom exemplo disso ouvintes neste choro de Pixinguinha que vão ouvir agora. Seu título vai como uma luva nessa melodia impregnada de indiferença e de fatalismo, e que se chama "Vou Vivendo". E é tão forte sua influência [?] nos que a executam, que vocês do auditório poderão perceber aqui no Benedito e no Pixinguinha um dar de ombros que exprime bem a indiferença costumeira

com que, quando nos perguntam se a gente vai bem, a gente responde, vencida pelo destino: “Vou Vivendo”.

Pixinguinha, Benedito Lacerda e regional de Benedito: “**Vou Vivendo**”(Pixinguinha/Benedito Lacerda)

Almirante: Houve época no Brasil, em que a música portuguesa figurava irrimavelmente ao lado da nossa, e influenciando com essa sua forma melódica ou com o seu ritmo. Não era considerada estrangeira a música portuguesa. E pelas afinidades existentes entre os dois povos, ela, que tão querida, e fazia às vezes tanto ou mais sucesso do que as da terra. Portugal mantinha conosco um ponto de contato permanente através de alguns de seus produtos, principalmente do vinho. Hoje, graças à excelência dos vinhos nacionais, especialmente desse brasileiríssimo vinho único, que oferece a vocês esse *Programa da Velha Guarda*, já não há mais aquela predominância lusitana.

Para implantar aqui os seus produtos, os vinicultores portugueses distribuíam anualmente aos seus fregueses álbuns com canções populares. Isso espalhava por aqui as melodias da terra irmã, que encontravam um eco muito fácil na alma de nossa gente.

Inúmeras daquelas cantigas alcançaram grande popularidade entre nós. E é uma curiosidade, ouvintes, que estejamos aqui a mostrar, como vamos fazer agora, neste programa do melhor vinho brasileiro da atualidade, uma cantiga mandada ao Brasil pelo melhor vinho português de há cinquenta anos. Seu nome é “Margarida Vai à Fonte”.

Paulo Tapajós, Benedito Lacerda e seu regional: “**Margarida Vai à Fonte**”(motivo popular português)

Almirante: Aí vai agora uma velha polca que há de encher de saudades muitos de nossos ouvintes. Trata-se de música antiquíssima. Um gênero já desaparecido há mais de cinquenta anos, isto é, a polca-lundu. Esta que aí vai ficou muito popular graças a uns versinhos que foram aplicadas no seu tempo. Uma quadrinha era assim (e o Almirante canta acompanhado do piano):

*Que é a da chave que eu pedi para guardar
Tá no fundo do baú se quiser vá lá buscar*

E havia os outros, com as outras quadrinhas. Cantadas numa célebre peça teatral chamada *A Filha de Maria Angu*, levada nesta cidade no ano de 1876. E uma das quadrinhas dali era assim:

*Quedê o níquel qu, inda pouco estava aqui
o tratante de um moleque foi tomar seu parati*

Lembram-se ouvintes? Pois é essa a famosa música brasileira, coqueluche dos nossos avós, que vocês vão ter o prazer de recordar agora, numa interpretação especial de Pixinguinha para a Orquestra do Pessoal da Velha Guarda. Atenção, pois, para a polca-lundu de José Soares Barbosa “Que É da Chave?”

[Orquestra Pessoal da Velha Guarda: “Que É da Chave?” \(José Soares Barbosa\)](#)

[Benedito começa a imitar a ave juriti na flauta]

Almirante: Entre os números mais pedidos do repertório de Benedito e Pixinguinha, está um choro denominado Jurity, da autoria de Raul Silva. Compositor inspirado, Raul Silva, além de uma batelada de peças carnavalescas, dos mais variados estilos, escreveu uma série de choros curiosíssimos, entre os quais se destaca este, em cuja melodia aparece volta e meia os trinados e gemidos característicos da pomba jurity.

Pixinguinha, Benedito Lacerda e regional: “Jurity” (Raul Silva)

Almirante: Agora que já nos vamos aproximando do carnaval, e quando as cantigas próprias já começam a aparecer, ocorre-nos lembrar alguma coisa do que foram os carnavais nesse Rio de Janeiro. Não será possível lembrar tudo num único programa, e por isso iremos daqui em diante, em cada audição, relembra um sucesso carnavalesco antigo, e um pouco de sua história ou de seu significado. Para hoje teremos a curiosa origem de uma célebre música do passado, e da qual vocês todos, moços e velhos, lembrarão de ter ouvido pelo menos alguma vez. Chama-se ela No Bico da Chaleira e nasceu de uma gíria muito pitoresca cuja origem, dizem, foi a seguinte.

Um certo presidente da república, nas suas viagens durante a campanha para eleição, costumava levar consigo uma pequena chaleira de prata porque ele mesmo gostava de preparar não sei se o seu café ou o seu chá. Cercado como andava por indivíduos interessados em cair nas suas boas graças, era freqüente ver quando um ou outro em requintes de amabilidade, se esforçava para poupar ao futuro presidente o trabalho de preparar ou de servir a sua bebida preferida. Os mais afoitos, mal o ilustre homem manifestava o desejo de saborear a sua bebida, avançavam para a pequena chaleira, e na ânsia de serem os primeiros, a seguravam por onde calhasse, ou pelo cabo ou pelo bojo e até pelo bico. Com isso, naturalmente, queimavam os dedos. Nasceu daí o dito popular ‘chaleira’ para designar adular e a expressão *pegar no bico da chaleira* para indicar aquela ação de adular.

O dito da moda deu motivo a uma canção carnavalesca da autoria de um famoso mestre de banda que se ocultava sob o pseudônimo de Juca Storone, e foi o maior sucesso do carnaval de 1909. É isso que vamos lembrar agora com este número célebre que se inicia com os clarins típicos do carnaval daquele tempo. O auditório, se quiser, poderá cantar conosco, pois os ouvintes de suas

casas na certa vão fazer o mesmo, seduzidos pela saudade que há de despertar essa brejeiríssima polca “No Bico da Chaleira”.

Almirante e Orquestra Pessoal da Velha Guarda: “No Bico da Chaleira” (Juca Storoni)

Almirante: É com enorme alegria que vemos o interesse que muitos ouvintes tomam por algumas das músicas que temos apresentado nesses programas. Uma das polcas-marcha que lançamos aqui, velha polca vovó, não sai da lembrança de muitos de vocês. É aquela animadíssima “Partimos para Mato Grosso”. Música escrita em época de grande movimentação patriótica, quando se tornou necessário o envio de tropas para a província de Mato Grosso, a música tomou para si um pouco do ambiente militarista que por aqui imperava. Por isso, sua segunda parte se aproveita de toques militares e da marcha batida. Naquele tempo, bem àquele tempo que eu digo, há uns 60, 70, ou 80 anos, quando essa música era tocada nos salões, os pares, durante a segunda parte, se desenlaçavam, e cavalheiro e dama marchavam lado a lado militarmente. Os homens com a mão na testa em atitude de continência. Para dar maior realce, maior aspecto marcial à execução dessa música, um de nossos pistões irá para o meio do auditório para tocar, de lá de longe, as respostas que figuram os diversos clarins no campo de batalha. Atenção pois para a celeberrima polca-marcha de Zeferino Orcadiz “Partimos para Mato Grosso”, num arranjo de Pixinguinha para a Orquestra do Pessoal da Velha Guarda!

Orquestra Pessoal da Velha Guarda: “Partimos para Mato Grosso” (Zeferino Orcadiz)

Locutor: A organização dos Vinhos Único, apresentando a linha de seus produtos, apresenta o que há de melhor na indústria vinícola brasileira. Uma série de vinhos excelentes que todos preferem. Clarete, grande vinho branco,

moscatel licoroso, mal vazia tipo porto, espumante tinto, e muitos outros vinhos notáveis da famosa marca único. E como excelência entre os champanhes, está o Champanhe Mônaco, o melhor champanhe nacional. Tão bom quanto os melhores estrangeiros. E façam jus ao grande presente de Natal dos vinhos único respondendo à seguinte pergunta: qual o número de caixas de vinhos único consumidas no Rio durante o ano de 1946? Podemos adiantar que o número de caixas consumidas está entre 90.000 e 120.000. Os que acertarem, ou que mais se aproximarem do número exato, receberão uma caixa com 12 garrafas dos melhores vinhos único incluindo 3 garrafas do champanhe Mônaco. As cartas devem ser endereçadas para
ALMIRANTE - Rádio Tupi
Av. Venezuela 43.

<http://daniellathompson.com/Texts/Pessoal/pessoal7.htm>